

Educomunicação & criatividade: a ação política em sala de aula¹

Filomena Maria Avelina Bomfim²

Marcelo Mauricio Miranda³

Universidade Federal de São João del-Rei (UFSJ)

Resumo

O objetivo deste artigo é discutir a importância de um projeto de pesquisa destinado ao mapeamento das redes educacionais na cidade de São João del-Rei (Minas Gerais), a partir da reflexão sobre o potencial criativo dessas incubadoras de processos de transformação social. Pretende-se assim avaliar como a natureza criativa das práticas educacionais pode favorecer processos de desenvolvimento regional sustentável, que justifiquem a possibilidade de inclusão da Educomunicação no elenco das Políticas de Educação do Estado. Para tanto, o referencial teórico deste trabalho analisa os conceitos de educação, alfabetização midiática, cidadania e meios de comunicação, à luz da concepção de criatividade apresentada pelo pesquisador escocês Charles Watson que desenvolve projetos ligados ao ensino das artes no Rio de Janeiro.

Palavras-chave

Educomunicação; criatividade; cidadania; redes educacionais.

Introdução

Levando-se em consideração uma sociedade organizada em redes, característica da contemporaneidade, estudar e conhecer as redes educacionais no estado de Minas Gerais pode conduzir o pesquisador ao desafio de percorrer uma estrada rumo à reflexão sobre a relevância dessas iniciativas para a implementação de uma Política de Educomunicação na Rede Pública de ensino desse estado. Assim sendo, o presente artigo origina-se da necessidade de se aprofundar - no Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação - discussões relativas ao conceito de Educomunicação e sua

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do XVIII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação

² Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social-Jornalismo da UFSJ, e-mail: myosha@gmail.com

³ Professor da Universidade Presidente Antônio Carlos (UNIPAC), no curso de Comunicação Social, e-mail: marcbarbacena@hotmail.com

importância como fator determinante para a elevação do aparato crítico-apreciativo na sociedade por meio da criatividade.

Segundo o pesquisador Charles WATSON⁴, no Brasil a educação recebe muito pouco investimento, apesar de constituir elemento fundamental para que um processo de desenvolvimento sustentável ocorra no país. Tal proposição nos leva a refletir sobre o fato de que são as pessoas e sua formação o bem mais precioso desta nação“ e não o pré-sal ou a soja, como muitos parecem pensar”, declara Watson⁵. Por isso, a capacidade de inovar, de ser criativo nunca foi tão importante quanto é atualmente. Ou seja, o investimento em educação é o que vai fazer a diferença no futuro do Brasil, de acordo com o estudioso escocês.

A partir desse discurso tão instigante, parece-nos patente a proeminência do papel político do professor em sala de aula por meio de práticas pedagógicas direcionadas para o desenvolvimento da criatividade. Parafraseando Freire (1996), Watson discorre sobre a importância das aulas como mola propulsora da reflexão, do questionamento e, portanto, da criatividade. Aproximando-se cada vez mais de Freire, o artista escocês acredita que práticas educativas que estimulam a ensinar a pensar (e não o que pensar!) tendem a conduzir o indivíduo à consciência da autonomia e do valor do conhecimento engajado, isto é, do saber contextualizado, que pode ter várias faces, várias versões, várias abordagens a depender da natureza do ambiente para o qual se desenvolve. Ou seja, a cada atualização de um projeto destinado a um território específico, movimentos inovadores se fazem necessários para que a iniciativa seja bem sucedida.

Assim sendo, o que Freire chama de solidariedade, quando se refere ao acolhimento das múltiplas manifestações de alteridade que podem conviver nas relações humanas, o pesquisador escocês denomina de tolerância, ou seja, o passaporte para a criatividade, de acordo com Watson. Em suas práticas educativas na cidade do Rio de Janeiro, sua experiência parece ter mostrado que as pessoas que tendem a ser criativas, em geral, são altamente motivadas, curiosas, o que resulta na concentração, no foco em

⁴ Charles Watson é pesquisador, educador e artista plástico escocês, radicado no Brasil há mais de três décadas; leciona na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, desde 1982. É graduado em Belas Artes e Literatura pela Faculdade de Bath, na Inglaterra, foi diretor do Centro de Artes Hélio Oiticica, além de consultor da University of Arts, London.

⁵ Entrevista concedida ao jornal Zero Hora em 30/05/2014, publicada no site do periódico que consta das referências bibliográficas.

seu objeto de desejo, abrindo-se a tolerar divergências em nome de sua eleição. Assim sendo, tornam-se capazes de manter ideias conflitantes em mente, sem precisar descartar uma delas; em consequência, tendem a ser mais persistentes, já que a curiosidade faz com que busquem continuamente novas experiências. Por isso, acredita, conseguem perceber inter-relações entre vários sistemas de produção ou campos de conhecimento, o que pode lhes conferir ousadia, ou seja, uma boa dose de coragem para adentrar áreas desconhecidas, novas para explorar.

Para Watson, essa é a diferença entre pensamento convergente e pensamento divergente:

“O pensamento convergente é quando há só uma resposta. Já o pensamento divergente tem várias respostas possíveis, variando em diversos quesitos. A produção de arte em geral tem a ver com o pensamento divergente. Quem faz a diferença em toda área são os que conseguem envolver uma boa dose de pensamento divergente no que fazem, indo além das normas de sua área, das fronteiras do usual em seu modo de pensar. ... E um processo criativo é fruto da capacidade de se criar uma ponte entre essas duas maneiras de pensar.”⁶

Entretanto, o reconhecimento da importância do envolvimento emocional no processo ensino-aprendizagem estreita ainda mais os laços entre o pesquisador escocês e o campo da Educomunicação pela proximidade crescente com Freire e Soares. Na verdade, quando Watson se refere à paixão pela exploração, natural no florescimento da criatividade (em seu modo de ver), parece indicar uma entrega profundamente ligada a um comprometimento com um processo e não com um resultado. Dessa forma, a dedicação extrapola a questão do horário e do dever, em busca de um prazer pelo fazer, que se expande à medida que a aproximação com o ideal se realiza. Assim sendo, o trabalho e o empenho constituem, segundo o artista escocês, penhor da criatividade, ao invés de um dom sobrenatural, o talento:

- “Em minha experiência como professor, sempre lembrei que, esse talento quer dizer facilidade. O que acontece quando uma coisa é muito fácil? A gente relaxa, e se relaxa já não é mais tão bom. Por isso, essa “facilidade natural” não garante nada.”

Dessa forma, Watson ratifica a importância do comprometimento com uma causa, com a participação, a determinação na busca por um ideal, motivadas por um envolvimento

⁶ Entrevista concedida ao site www.noticias.terra.com.br em 29/08/2013, cujo link consta das referências bibliográficas.

emocional e não apenas pela razão, como afirmam Freire e Soares. E o professor escocês continua:

- “Não sou eu que estou dizendo isso da minha cabeça, é o que apontam diversos estudos sobre aprendizagem. Isso vale em qualquer área, cantores de ópera, cientistas, todos os que fizeram a diferença são os que se empenharam e dedicaram um bom tempo, que estiveram focados na área; que primeiro trabalharam duro, para depois fazer a diferença.”⁷

Diante desse mosaico, parece-nos pertinente reconhecer as similaridades entre essa abordagem de criatividade proposta por Watson e a natureza das práticas educacionais que parece ter semelhante objetivo. Se tal afirmação faz sentido, parece que mapear as redes educacionais na cidade de São João del-Rei, em Minas Gerais, pode significar a identificação de práticas pedagógicas comprometidas com o desenvolvimento da criatividade, cujo registro, sistematização e divulgação podem provocar o alastramento de semelhantes iniciativas. Dessa forma, a Educação galga mais um degrau rumo à escalada para que se reflita sobre sua função determinante como Política de Educação, iniciativa fundamental para que se construam focos de desenvolvimento regional em Minas Gerais e, futuramente, pelo Brasil afora, comprometidos com o crescimento sustentável do ambiente para o qual foram criados. (SIQUEIRA, 2010)

O objeto de pesquisa e sua delimitação

A citada iniciativa de investigação científica dedica-se a um mapeamento das redes educacionais na Rede Pública de ensino do estado de Minas Gerais, mais especificamente em São João del-Rei. Em razão disso, deparamos com o fato de que grande parte das evidências de práticas educacionais, na Rede Pública do estado, parece ter sido implementada criativamente a partir de iniciativas reticulares, refletindo assim a forma de produção e organização do conhecimento na sociedade em geral.

Levando em consideração os parâmetros conceituais relacionados à criatividade, pode-se perceber que a coincidência com a natureza inter e transdisciplinar do campo da Educação reflete seu comprometimento com processos criativos nas redes educacionais que seguem essa mesma linha de concepção. Isto quer dizer que a natureza do conceito de criatividade consagra-se na sua inter e transdisciplinaridade,

⁷ Entrevista concedida ao site www.noticias.terra.com.br em 29/08/2013, cujo link consta das referências bibliográficas.

tendo em vista as suas mais variadas manifestações nas múltiplas redes em estudo na pesquisa em desenvolvimento.

São esses indícios que desencadearam o nascimento de um projeto transdisciplinar de pesquisa que apresenta a Educomunicação como mediadora entre a Comunicação Social e as Licenciaturas em Filosofia, História, Geografia, Pedagogia e Teatro por meio de um ecossistema educutivo reticular, cuja natureza criativa une graduandos de cinco cursos, pesquisadores-membros do Grupo de Estudos & Pesquisas em Educomunicação (GEPE) - liderado pela pesquisadora do Curso de Comunicação Social-Jornalismo e certificado pelo CNPq - que coordena a presente iniciativa de investigação científica.

Foi a proximidade com as escolas públicas locais que despertou o interesse em pesquisar a existência e natureza das redes educutivas no município em foco, já que os professores-pesquisadores da UFSJ, participantes do GEPEducumfsj, desenvolvem práticas educutivas reticulares ao interligarem a Universidade, as instituições públicas de ensino, a Prefeitura de São João del-Rei e a comunidade local, na realização dos seus projetos de iniciação à docência, em que atuam os graduandos dos cursos de licenciatura em Filosofia, História, Geografia, Pedagogia e Teatro.

Surge então nesse panorama a necessidade de definir redes educutivas, não sem antes investigar sobre o conceito de redes em uma sociedade baseada em uma estrutura reticular. Lembrando Castells em sua obra *Sociedade em Rede* (1996), pode-se perceber como essa forma inovadora de organização da sociedade tem invadido todos os campos de produção do conhecimento, influenciando a natureza das relações entre os indivíduos, os grupos, as empresas e os conglomerados transnacionais. Assim sendo, se se pensar as redes como meios de comunicação atuando em um modelo comunicacional, parece que se poderia imaginar que esse meio não só modifica o conteúdo da mensagem, mas também o tipo de relações entre os agentes comunicacionais, o papel de cada um deles no processo em foco, bem como o teor da mensagem divulgada. Portanto, além de complexificar a essência das relações entre entidades, pode-se aprofundar o conteúdo das mensagens, permitindo inclusive a customização do resultado compartilhado em outras redes, tendo em vista sua capacidade criativa de adequação a contextos diversos.

Tal possibilidade de acomodação em diferentes territórios manifesta a natureza criativa dessas incubadoras de processos inovadores – as redes educutivas – na

medida em que se ressignificam a cada necessidade de contextualização nos diversos ambientes pelos quais precisa transitar, nas várias escolas em que podem ser adotadas. Criam assim modelos diferenciados para cada contexto partindo das peculiaridades de suas demandas, de suas carências e de sua cultura, construindo assim instalações particulares para cada comunidade.

Essa adoção (ou não) parece depender do potencial de transformação das práticas educomunicativas desenvolvidas nas redes das instituições de ensino, cujo poder revolucionário pode atuar como critério de avaliação da eficácia das iniciativas vivenciadas nessas redes. Ou seja, estamos discutindo acerca de como a criatividade pode desencadear processos de reflexão que tendem a produzir mudanças sociais de forma contínua e regular. Isso quer dizer que a transformação a que Freire se refere em seu livro *Pedagogia da Autonomia* (1996) tem muito a ver com vivências de criatividade que estabelecem relações inusitadas (e/ou reticulares) com os mais diferentes campos de produção de conhecimento, possibilitando o surgimento de soluções singulares para questões cotidianas de cidadania.

Diante disso, destaca-se como universo de pesquisa deste projeto as redes educomunicativas em ato na Rede Pública de Ensino da região Campo das Vertentes, no estado de Minas Gerais, considerando-se, portanto, como amostra de pesquisa as redes educomunicativas da Rede Pública de Ensino do município de São João del-Rei, uma das três cidades pólo da região em destaque, juntamente com Lavras e Barbacena. Essas redes educomunicativas presentes na Rede Pública de Ensino de São João del-Rei fazem parte da 34ª. Superintendência Regional de Ensino de Minas Gerais

São João del-Rei conta com uma área de 1.464,327 km² e goza de clima predominantemente tropical de altitude. Exibe como atividades centrais geradoras de renda, o comércio e o turismo, segundo dados fornecidos pela Prefeitura local. A população estimada no censo do IBGE de 2014 é de 88.902 habitantes.

Segundo dados da 34ª Superintendência Regional de Ensino, atualmente, a cidade e seus distritos, bem como comunidades rurais, contam com 75 escolas sendo 29 (vinte e nove) delas municipais; outras 29 (vinte e nove), variando quanto ao grau e tipo de ensino oferecidos na rede privada; e 17 (dezessete) escolas estaduais, das quais 8 (oito) oferecem ensino médio padrão e 1 (uma), exclusivamente o Ensino para Jovens e Adultos (EJA). Faz-se mister pontuar que dentre as escolas estaduais contabilizadas figuram o Conservatório de Música, - que oferece ensino de música gratuito à

população - além do Centro Estadual de Educação Continuada (CESEC) e do presídio, que oferecem apenas o ensino supletivo.

Justificativa

O universo regional em foco constitui apenas uma parte do grande mosaico invadido pelo mapeamento das redes educacionais em todo o país, que deve compor um acervo referencial de informações sobre o campo da Educação no Brasil.

Em pesquisa exploratória sobre o assunto desta pesquisa, percebe-se que as redes educacionais podem operar também como incubadoras de estratégias criativas para o desenvolvimento de processos de alfabetização midiática e informacional pelo fato de que, por princípio, trabalham com os meios de comunicação como recursos didáticos na educação formal e informal. Assim sendo, os *media* são utilizados por educandos e educadores com o objetivo de estimular a participação criativa dos estudantes no processo ensino-aprendizagem, tornando-os igualmente responsáveis pelo processo de produção de conhecimento conquistado durante cada aula. Isso significa que o interesse pelo conteúdo a ser ministrado tende a crescer ao ser discutido entre os estudantes e professores, criando-se assim um fórum de negociação entre as partes por meio do diálogo, entendido como elemento desencadeador de processos de criatividade.

Além disso, como, segundo McLuhan (1971), o meio é a mensagem, a forma de apresentação do conteúdo também é discutida, considerando-se os limites e potencialidades de cada meio de comunicação escolhido para a exploração criativa de determinado conteúdo. Dentro desse ambiente participativo e interativo, cria-se uma intimidade natural no uso das mídias, que favorece a alfabetização midiática informacional, tendo em vista o fato de que essa proximidade tende a propiciar o acesso mais rápido à informação desejada, a partir da descoberta de caminhos inovadores.

Adicionalmente, o processo de seleção das informações mais importantes para a consecução dos objetivos de um trabalho, tende a ser cada vez mais sofisticado, já que o estabelecimento de prioridades em meio ao dilúvio informacional no ciberespaço passa a ser uma rotina na vida daqueles que fazem uso dessas incubadoras de estratégias de criatividade. Na verdade, pelo fato de essas redes educacionais não dependerem da existência de tecnologia de ponta para funcionarem a pleno vapor, aqueles que “navegam” por elas tem a oportunidade de desenvolver o hábito da cooperação, da

solidariedade, da consciência de que a construção conjunta tende a se aproximar do êxito devido ao considerável potencial de criatividade que abrigam. Aprendem, portanto, a negociar, a ceder, a compartilhar as vitórias e a se solidarizar com os que precisam fazer concessões, certos de que eles também podem passar pela mesma situação. Isso quer dizer que a relação inovadora entre os protagonistas do projeto pode se transformar em conteúdo relevante para uma atuação criativa em diversos setores de suas vidas.

Dessa forma, quando a consciência da rede já existe fora do suporte midiático, ao vivenciar processos semelhantes nas redes sociais na internet, a tendência é que uma utilização criativa se faça com maior destreza e requinte, já que consideram propósitos voltados para o atendimento das necessidades informacionais de um grupo e não apenas motivos meramente individualistas.

Referencial teórico

Diante desse cenário, parece que o conceito de educomunicação que fundamenta o desenvolvimento das redes educamunicativas caminha *pari passu* com os propósitos da alfabetização midiática e informacional. Assim sendo, tende a favorecer o surgimento de processos criativos de elevação do padrão de qualidade de vida dos cidadãos comprometidos com as causas da comunidade, bem como a utilização inovadora dos meios de comunicação, aliada ao acesso pleno à informação de qualidade decorrente desse uso.

Em consequência, pode-se perceber que a identificação dessas redes educamunicativas em todo o território brasileiro, juntamente com o conhecimento do tipo de trabalho desenvolvido por elas, pode se constituir uma conquista decisiva para a expansão de processos criativos de alfabetização midiática e informacional. Assim sendo, podem atuar como matrizes de empoderamento dos cidadãos em cada uma das regiões, onde as redes educamunicativas estiverem presentes como multiplicadoras dessa nova postura crítica e criativa diante dos *media*. Pelos motivos expostos, constitui uma das metas desta pesquisa a identificação do quadro referencial sobre o tema da Alfabetização Midiática e Informacional que tem balizado, na atualidade, as investigações científicas e as práticas no campo da Educomunicação no Brasil.

Assim sendo, a plataforma conceitual que sustenta e legitima este trabalho de pesquisa destaca os conceitos de educomunicação; redes educamunicativas; alfabetização midiática e informacional; cidadania e meios de comunicação.

O pensamento de Ismar de Oliveira Soares, Mario Kaplún e Jesus Martin Barbero vão contribuir para a discussão relativa à educomunicação pelo fato de abrir as vias que conduzem à reflexão consistente sobre esse conceito, a partir da discussão sobre o assunto e a implementação de iniciativas relacionadas, como se pode observar no trabalho acadêmico realizado pelo Núcleo de Comunicação e Educação da USP e pela Associação Brasileira de Profissionais e Pesquisadores em Educomunicação (ABPEDUCOM), aliado às iniciativas extensionistas, dentre as quais se destacam a Revista Viração e a Rádio Educom. Kaplún, por sua vez, responsável pela cunhagem do termo Comunicação Educativa, não poderia deixar de ser consultado, tendo em vista sua vasta experiência ao longo da América do Sul, junto às comunidades camponesas, que foram de certa forma alfabetizadas informacionalmente pelo seu método cassete-fono, por meio do qual se estimula a leitura crítica da mídia.

Adicionalmente, o repertório de Barbero aparece como fundamental para o enriquecimento da revisão de literatura desta pesquisa ao ressaltar a importância da contextualização da utilização dos *media*, enfatizando a importância da identidade cultural dos grupos, que vão influenciar decisivamente a abordagem a ser privilegiada para a seleção e apropriação criativas dos conteúdos veiculados pelos meios de comunicação.

Para que se discuta sobre o conceito de redes na Educomunicação, faz-se mister o aprofundamento no significado de redes. A naturalidade com que tal conceito é utilizado nesta sociedade em redes, clama por uma reflexão sobre as abordagens desenvolvidas por Baran (1964) e Castells (1996) nesse sentido, desdobramentos a serem realizados no decorrer da revisão de literatura deste projeto.

Com relação ao conceito de redes educacionais, acredita-se tratar-se de ecossistemas educacionais transdisciplinares, nos quais um objetivo comum norteia o desenvolvimento de ações criativas desenvolvidas por atores de diferentes campos de produção de conhecimento que operam em um processo colaborativo. Nesse fórum a contribuição distinta de cada um dos grupos permite a produção de trabalhos enriquecidos pela especificidade da formação dos protagonistas, que compartilham repertórios simbólicos.

A discussão relacionada ao conceito de meios de comunicação fica por conta do canadense Marshall McLuhan, e dos espanhóis Manoel Castells e José Manuel Morán, esse último residente no Brasil. A diversidade das nacionalidades dos estudiosos já

preluncia, de alguma forma, um rico panegírico de visões que promete um mosaico variado e instigante. Apresentando os *media* como extensões do homem, McLuhan estabelece, criativamente, a relação entre os sentidos do homem e os meios de comunicação (1964), apesar de ter ficado conhecido majoritariamente pela sua discussão a respeito da televisão. Entretanto, em seu livro anterior, *A Galáxia de Gutenberg* (1962), ele mesmo estende, de forma vanguardista, seu conceito de meio de comunicação ao alfabeto, dando início a uma série de reflexões críticas a partir das quais, os *media* aparecem como representações sociais de épocas ao longo da história da humanidade. Dessa forma, o estudioso em foco adere à corrente daqueles que se dedicam à investigação dos meios de comunicação entendidos como manifestações culturais das várias fases da história da humanidade.

Paralelamente, Morán (1994) relaciona os meios de comunicação aos tipos de inteligência que o homem possui e que pode utilizar para produzir conhecimento. Segundo ele, assim como cada indivíduo possui um tipo de inteligência proeminente que o impulsiona para a consecução dos seus objetivos, da mesma forma as pessoas escolhem os meios de comunicação, tendo em vista suas preferências pessoais, bem como seu tipo de inteligência predominante.

Entretanto, Moran ressalta a prevalência dos meios de comunicação audiovisuais na contemporaneidade provavelmente ligados a um determinado tipo de inteligência. Nesse ponto ele e McLuhan se encontram ao ressaltar a relevância da televisão por motivos diferentes, mas que seguramente ratificam certa ênfase no que se refere ao papel da imagem como mola propulsora na produção de conhecimento.

Enriquecendo o debate, Castells adiciona ao cenário o caráter integrador dos novos meios de comunicação, cujas reflexões relacionadas começaram na *Informational City* (1989), continuaram na *Sociedade em Rede* (1996) e se consolidaram na *Galáxia da Internet* (2001).

Educomunicação & criatividade

Parece importante reconhecer que a integração dos campos da Comunicação Social e da Educação, ao formarem um espaço específico e autônomo de intervenção social, já manifesta um destacado grau de ousadia e criatividade, tendo em vista o fato de que a racionalidade moderna já demarcava para ambas áreas distintas e independentes, cumprindo funções específicas, como frisa Soares: “a Educação administrando a transmissão do saber necessário ao desenvolvimento social e a

Comunicação responsabilizando-se pela difusão das informações, pelo lazer popular e pela manutenção do sistema produtivo através da publicidade”. (2000, p. 2)

Entretanto, na América Latina, a observação criativa de filósofos da Educação (destacadamente Freinet e Freire), aliada a movimentos similares por parte de Martin-Barbero e Kaplún (no campo da Comunicação Social), permitiu que uma postura inovadora - favorecida pela chegada das novas tecnologias - se manifestasse de forma decisiva diante da diáspora mencionada. Assim sendo, a Educomunicação nasce unindo criativamente pontos divergentes tais como razão e sensibilidade, ambas absolutamente necessárias para que o processo ensino-aprendizagem se cumpra de forma integral, considerando-se o indivíduo em sua inteireza: mente e coração. Por isso, a partir da impressão da realidade reconhecida pelo sentimento, torna-se possível o registro sistematizado de uma situação particular para estudo. Dessa forma, valoriza-se a importância do afeto na produção do conhecimento, sem, contudo, reduzir o papel da razão no ato de aprender criativamente.

Nesse cenário, o sentimento diante das realidades da vida é variado, razão pela qual as leituras dos fatos podem ser múltiplas, diferentes, o que parece conduzir para a convivência criativa com a incerteza diante de tantas possibilidades de entendimento do mundo. Assim reduz-se a importância da identificação do certo e do errado, induzida por uma compreensão maniqueísta de circunstâncias significativamente dinâmicas. Abre-se a porta então para o reconhecimento da variedade, das manifestações de alteridade a cada prática educacional comprometida com um olhar criativo da realidade. Passa a valer então o usufruto da vida, do processo, em detrimento da busca por resultados.

Dessa forma, se o mais importante não é a nota nas práticas educacionais, deixa de ser necessário consumir informações para atender ao padrão ideal de resposta a questões avaliativas. Em contrapartida, valoriza-se o usufruto do processo criativo, do aprender compartilhado, ou seja, do prazer pela convivência, pelo qual não é preciso competir pelo conceito mais alto. Seguem então para um segundo plano os coeficientes de rendimento escolar, ao contrário da ênfase no processo de aprender a aprender que se ratifica no compartilhamento. Ou seja, quem se dispõe a contribuir mais para a aprendizagem dos demais membros da comunidade, tende a descobrir novas estratégias criativas de ensinar algo que já sabe, consolidando assim a construção do conhecimento.

Como resultante, o consumo criativo das informações tende a ser um exercício de cidadania, já que mais elementos empoderados sobre estratégias de elevação do padrão de qualidade de vida de um grupo, podem provocar mudanças favoráveis para determinada comunidade. Nesse contexto, o padrão de qualidade de vida diz respeito também à sofisticação do aparato crítico-apreciativo dos membros da comunidade principalmente diante dos meios de comunicação. Adicionalmente, por meio das práticas educacionais expande-se a possibilidade de leitura crítica dos *media* e do consumo de informações em geral, enquanto cresce a valorização da apropriação dos bens culturais, cujo conhecimento e valorização podem promover estratégias criativas de desenvolvimento regional, fundamentadas na identidade do grupo. Assim sendo, a criatividade passa a promover o repertório simbólico que faz parte do acervo cultural dessa comunidade, preservando assim a identidade daquele povo. Ratifica-se dessa forma, a natureza sustentável dos movimentos criativos. (SIQUEIRA, 2010)

Além disso, o movimento de integração entre a Comunicação e a Educação tem sido fortalecido a partir de uma abordagem criativa, já que os dois nichos de conhecimento têm sua identidade revitalizada. Prova disso parece ser a incorporação crescente das ciências Humanas e Sociais ao campo da Comunicação - destacada por Baccega (1998) - ressignificando esse espaço. Isso acontece porque a criatividade estimula a entrada em cena da interdiscursividade, espinha dorsal desse processo integrador, baseado na polifonia de linguagens que se manifesta na troca de saberes entre várias áreas. É esse intercâmbio que passa a exigir uma análise crítica diante de posturas que reduzem essa integração criativa à mera utilização de tecnologias de informação ou de comunicação em salas de aula. Afasta-se assim uma lógica puramente instrumental ao se enfatizar, nesse cenário, a importância da concepção criativa nas práticas pedagógicas.

Pioneiro na inter-relação entre Comunicação e Educação na América Latina, Freire inaugura essa postura criativa registrada em seu livro *Extensão ou Comunicação?*, ao frisar o reconhecimento da necessária articulação Ensino/Pesquisa/Extensão na produção do conhecimento engajado, afirmando que o homem é um ser de relação. Assim, valoriza a inserção dos processos comunicacionais nas práticas pedagógicas chamadas por ele de libertadoras, pelo fato de marcarem seu território a partir da elevação do padrão de qualidade de vida de comunidades. Dessa forma, registra na Academia a relevância do papel da Extensão como instância

consolidadora do conhecimento engajado, construído em sala de aula, que transborda os muros das instituições de ensino e atinge seu entorno por meio da transformação social do ambiente imediato. Em contrapartida, essa mesma consciência criativa conduz para dentro dos centros de produção do conhecimento o saber popular, que empresta legitimidade ao saber acadêmico, ao atualizar - por meio de processos comunicacionais - as verdades universais preconizadas nas redondezas em que se instalou.

E essa relação dentro e fora de sala de aula não se constrói sem diálogo, já dizia Freire (1996), ao reconhecê-lo como cerimônia do encontro entre os agentes comunicacionais. Diálogo que pressupõe ouvir (para entender o outro) e depois falar (para tentar atender as demandas apresentadas). Nesse sentido, parece oportuno buscar o apoio de Kaplún que, em suas caminhadas pela América Latina - por meio do criativo método cassete-foro - buscava praticar o dialogismo em busca da compreensão das realidades da vida dos camponeses. Para tanto, transforma criativamente a comunicação em um instrumento para construir pontes, a fim de se aproximar dessas comunidades, denominando tal processo de “comunicação educativa”. Assim sendo, a comunicação passa a ser a viga mestra dos processos educativos – a relação entre os elementos -, razão pela qual os *media* deixam de ser apenas instrumentos para facilitar as práticas pedagógicas, mas artefatos para potencializar a relação entre os agentes comunicacionais. ...E é essa abordagem relacional o elemento constitutivo da Educomunicação, declara Soares (2002).

Em se tratando de um ecossistema criativo, cuja natureza comunicativa é marcada pela relação dialógica, há que se pensar em uma relação inovadora que possa implicar na descentralização da palavra, do saber autorizado pela transmissão automática do conhecimento. Nesse panorama é possível que ocorra a transformação das relações sociais internas no espaço de aprendizagem. Nesse novo paradigma relacional, as possibilidades de interações se multiplicam: o estudante pode aprender com o professor, estudantes e professores podem aprender um com o outro, mas também pode ocorrer de os professores aprenderem com os alunos. A essa variedade de possibilidades Martin-Barbero chamou “destempos”, destacando assim a flexibilidade e capacidade de adaptação que o agir criativo pode provocar, deslocando centros de autoridade a partir do compartilhamento das tarefas no processo ensino-aprendizagem. Tal desafio no ambiente educativo com certeza implica não apenas em confiança e disponibilidade de se abrir para o desconhecido, mas também na corresponsabilidade

pela construção compartilhada do conhecimento. Como resultado, os estímulos passam a ser numerosos, originando-se de bagagens prévias variadas e, portanto, muito mais interessantes por constituírem pontes para o conhecimento do outro. Assim, o sucesso das iniciativas direcionadas à aprendizagem deixam de repousar apenas em um dos lados da balança, já que a participação de todos os envolvidos é fundamental. Reitera-se, dessa forma, o papel da relação como conteúdo decisivo para a transformação de todos os agentes comunicacionais e do ambiente no qual atuam. Contudo, tal conquista só parece viável a partir da adoção da criatividade como elemento desequilibrador do sistema educativo tradicional.

Referências bibliográficas

AZANHA, José Mario Pires. *A estigmatização da escola pública*. Porto Alegre: Revista Brasileira de Administração da Educação, v.5, nº1, 1987.

BACCEGA, Maria Aparecida. **Comunicação e linguagem**. Discurso e Ciência. São Paulo: Moderna, 1998.

BARAN, Paul (1964). "On Distributed Communications Networks," IEEE Transactions on Communication Systems, Vol. CS-12 (1), pp. 1-9, Mar. 1964.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

BUJOKAS DE SIQUEIRA, A. *Educação para a mídia: da inoculação à preparação*. Educação e Sociedade. v.29, n.105, p.1043-1066, 2008

CARLSSON, U. (org.); TAYIE, S. (org.); JACQUINOT-DELAUNAY, G. (org.); PÉREZ TORNERO, J.M. (org.). *Empowerment through media education: an intercultural dialogue*. Göteborg: Nordicom/Göteborgs Universitet, 2008.

CASTELLS, Manuel. *The rise of the network society*. Oxford and Malden, Mass.: [Blackwell Publishers](#), 1996.

_____. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CITELLI, Adílson Odair; COSTA, Maria Cristina Castilho. *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo: Paulinas, 2011. Coleção Educomunicação.

DEUZE, Mark. *O jornalismo e os novos meios de comunicação social*. Comunicação e Sociedade, vol. 9-10, 2006, pp. 15-37.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, Ed. 34ª, 1996. Coleção Leitura.

FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

- FREINET, Célestin. *A leitura pela imprensa na escola*. Porto (Lisboa): Dinalivro, 1977.
- GAIA, Rossana Viana. *Educomunicação & mídias*, Macã©io: EDUFAL. 148p, 2001.
- KAPLUN, Mário. *Processos educativos e canais de comunicação*. Comunicação & Educação. São Paulo: CCAECA-USPIModerna, n. 14, jan/abr.1999. p.68-75.
- MARTI, M. et al. *Alfabetización digital: un peldaño hacia la sociedad de la información*. Med Segur Trab 2008, v. 54, n. 210, pp. 11-15.
- MARTÍN-BARBERO, J. Retos culturales de la comunicación a la educación. Elementos para una reflexión que está por comenzar. Revista Reflexiones Académicas. N 12 p.45-57, Santiago: Universidad Diego Portales, 2000.
- MIRANDA, Antonio; SIMEÃO, Elmira (orgs.). *Alfabetização digital e acesso ao conhecimento*. Brasília: Universidade de Brasília, Departamento de Ciência da Informação e Documentação, 2006. 257 p.
- MORAN, José Manuel. *Leituras dos Meios de Comunicação*. São Paulo: Pancast, 1993.
- _____. *O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios*. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>> Acesso em: 20 abr. 2015.
- RABELO, Desirée Cipriano. *Martín-Barbero: da linguagem às mediações*. Disponível em: <<http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/21/Desire.pdf>> Acesso em: 13 jul. 2015.
- RELATÓRIO FAPESP. *O meio é a mensagem: uma aproximação a McLuhan*. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/pesquisas/design/dos/dos/communication/parte2.pdf>> Acesso em: 10 jul. 2015.
- SARTORI, Ademilde Silveira. *Educomunicação e a criação de ecossistemas comunicativos: diálogos sem fronteiras*. Florianópolis: DIOESC, 2014.
- SIQUEIRA, Adilson. R. Arte e Sustentabilidade: argumentos para a pesquisa ecopoética da cena. Moringa (João Pessoa), João Pessoa, p. 87 - 99, 30 jan. 2010.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: um campo de mediações*. Revista Comunicação & Educação, São Paulo, v. 8, n. 23, set./dez. 2002.
- SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação o conceito, o profissional, a aplicação: contribuições para a reforma do Ensino Médio*. São Paulo: Paulinas, 2011. Coleção Educomunicação.
- WATSON, Charles. *Todo mundo tem ideias. A diferença está em quem decide concretizá-las, afirma professor*. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/educacao/para-o-educador-charles-watson-ensinar-e-um-ato-politico,f793f62541ac0410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>> (Acesso em 26/07/2016)
- WATSON, Charles. *Para o pesquisador Charles Watson, ensinar é um ato político*. Disponível em: <<https://noticias.terra.com.br/educacao/para-o-educador-charles-watson-ensinar-e-um-ato-politico,f793f62541ac0410VgnVCM5000009ccceb0aRCRD.html>> (Acesso em 26/07/2016)
- WILSON, Carolyn et al. *Alfabetização midiática e informacional: currículo para formação de professores*. Brasília: Unesco, UFMT, 2013.